

# “Memórias sepulcrais” do Convento de S. Francisco de Santarém

MARIA M. B. DE MAGALHÃES RAMALHO<sup>1</sup>

## R E S U M O

A investigação arqueológica que tem vindo a ser realizada no Convento de S. Francisco de Santarém proporcionou, no decurso dos últimos sete anos, um conhecimento aprofundado do monumento nas mais diversas áreas. Ao nível da análise arquitectónica do edifício reconheceram-se novos espaços, enquanto que a análise paleoantropológica, por seu lado, revelou interessantíssimos dados sobre a numerosa população que, ao longo de cinco séculos, aí foi sepultada.

Pretende-se agora com este artigo dar a conhecer um conjunto de inscrições que, embora parcelares e dispersas, se relacionam com a importante necrópole existente no interior deste conjunto monástico. Optou-se ainda por conjugar a análise destes elementos com a leitura de uma série de documentos – memórias sepulcrais – possibilitando-nos, desta forma, uma visão da riqueza epigráfica outrora existente no Convento

## A B S T R A C T

Archaeological research carried out over the last seven years at the Monastery of S. Francisco (Santarém) has provided an-depth understanding of this monument. With respect to the architectural analysis of this building, new areas were recognized, and paleo-anthropological analysis revealed very interesting data about the numerous people buried there over five centuries.

The main aim of this paper is to present an assemblage of inscriptions that, although dispersed and fragmentary, are associated with the important necropolis found inside this monastic complex. In order to provide a sense of the epigraphic richness that once existed in this monument, a combined analysis of these elements with the reading of a series of documents – “sepulchral memories” – was chosen.

Quando, pela primeira vez, se efectuaram trabalhos arqueológicos no Convento de S. Francisco de Santarém, fundado em 1242, foi desde logo possível constatar a importância e a quantidade de vestígios relacionados com as inumações efectuadas nesse local.

Nos últimos tempos é crescente o interesse pela temática da morte, como o demonstra o número de estudos que lhe foram consagrados depois dos trabalhos pioneiros de Edgar Morin, Philippe Ariés ou Michel Vovelle, entre outros. No entanto, os estudos mais desenvolvidos publi-

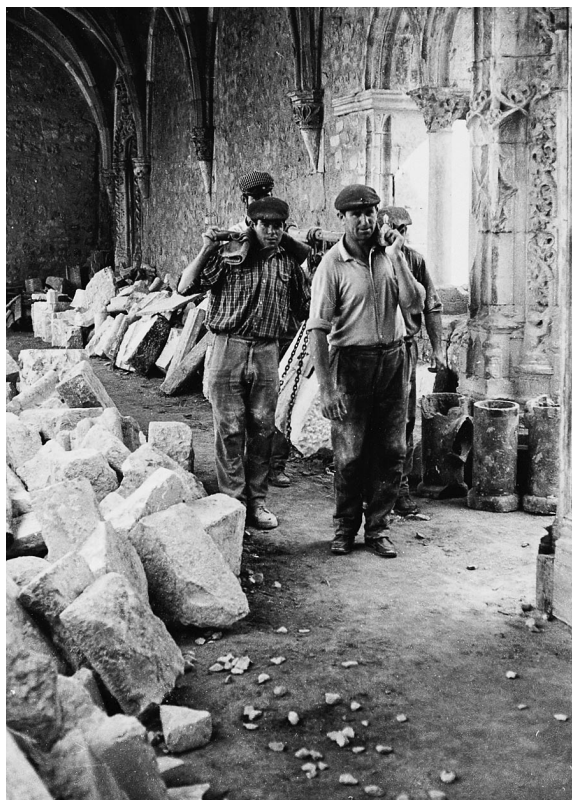


Fig. 1 Transporte de antigas lajes do pavimento do Convento de S. Francisco de Santarém durante a campanha de restauro do final dos anos 60. Arquivo da DGEMN, proc. 491.

cados até ao momento, dentro do âmbito da arqueologia, procuraram estabelecer prioritariamente a ligação entre a arqueologia e o estudo antropológico (paleobiologia), descurando-se, muitas vezes, a conjugação desses dados com a pesquisa histórica. No trabalho agora apresentado procurámos privilegiar essa relação através de um tipo de documentos muitas vezes esquecidos pelos investigadores - os relatos ou memórias sepulcrais. Ao longo da nossa pesquisa foi possível reunir informações de cinco autores que visitaram o Convento em épocas distintas, sendo o relato mais antigo de 1656 e o mais recente de 1864. Todos eles, de uma forma geral, se referem preferencialmente às sepulturas de maior aparato, dedicando especial atenção às epígrafes, nomeadamente os autores dos séculos XVIII e XIX.

Apesar do interesse destes testemunhos, sabemos que são vulgares certas imprecisões como, por exemplo, no caso de S. Francisco de Santarém, a troca dos locais onde se encontravam as sepulturas e a designação das capelas. Tornou-se assim necessário cruzar os dados dos vários autores dado que a maior

parte das referências são sistematicamente repetidas. Foi também possível confirmar que, apesar de alguma falta de rigor, todas as descrições contêm dados inovadores, podendo mesmo dizer-se que se complementam<sup>2</sup>.

O relato mais antigo é atribuído a **Frei Manuel da Esperança**, franciscano, natural do Porto e que terá desempenhado diversos cargos no seio da Ordem vindo a falecer em 1670. Em meados do século XVII chegou mesmo a ser guardião do Convento de S. Francisco de Santarém, altura em que é publicada a obra sobre a qual efectuámos a nossa investigação, a *História Seraphica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal* (Esperança, 1656).

Frei Manuel da Esperança é habitualmente considerado o cronista-mor dos franciscanos, sendo a sua obra continuada mais tarde por Frei Fernando da Soledade. Compreende-se, assim, que seja este o autor mais citado nos relatos que se seguiram, verificando-se, por vezes, que algumas das suas descrições são inteiramente copiadas, como no texto de Padre Luís Montez Matoso, já do século XVIII (Matoso, 1738, fol. 63-70).

É notório, na descrição de Frei Manuel da Esperança, o realce dado às sepulturas de maior destaque, nomeadamente da família Menezes referindo, só para a Capela das Almas, verdadeiro panteão desta família, onze sepulturas. Na sua obra, reforçando a importância desta temática, o autor incluiu um capítulo intitulado “*Dos Varões illustres sepultados nesta casa, e d’alguns epitafios notaveis*” (Esperança, 1656, p.469).

Outra característica deste relato é não fazer referência às datas de falecimento dos indivíduos sepultados, tal como o fazem todos os outros autores. Trata-se, assim, de uma descrição

que visa, essencialmente, salientar a importância da Ordem franciscana e do Convento de Santarém, através do destaque dado aos que o escolheram para última morada.

No relato do **Padre Inácio da Piedade** surgem descrições cuidadas relativamente à fundação do Convento e à sua arquitectura, referindo-se, igualmente, as relíquias mais importantes que albergava e os famosos milagres a que estava associado (Piedade Vasconcelos, 1740). Ao longo deste relato ficamos com a ideia de que o autor conhecia bem o local, sendo, por essa razão, bastante realista nas suas referências. Assim, surgem apontamentos precisos dos locais onde se situavam os túmulos e sepulturas da igreja, facilitando, desta forma, a leitura da própria arquitectura do edifício e a localização das diferentes capelas. São também inúmeras as referências aos epitáfios existentes na restante área conventual, destacando-se o cuidado tido nas transcrições.

De uma forma geral, será de destacar a importância dada às epígrafes datáveis do século XVI (segunda metade), e às sepulturas de indivíduos do sexo masculino.

Quanto ao local escolhido para a inumação, é de salientar o grande número de sepulturas existentes na área do claustro e na igreja do lado da epístola, bem como na Capela das Almas.

As *Memórias Sepulchraes* do **Padre Luís Matoso**, copiadas por Anselmo Braamcamp Freire, procuram apresentar um relato cuidadoso de todos os epitáfios existentes no Convento, perfazendo um total de 77 (Braamcamp Freire, [s.d.]). Estes epitáfios foram observados após o terramoto de 1755, dado surgirem no texto algumas referências ao cataclismo que atingiu fortemente este edifício, nomeadamente quando se descreve a Capela de Santa Ana:

*“Na mesma parte da epístola está a capella de S. Anna, aqual se arruinou pelo terremoto de 1755, e de novo a mandou consertar o N. M. R. P. Fr. José de Santa Ana Xavier, ministro provincial no anno de 1758 (...)”*(Braamcamp Freire, [s.d.], fol. 26).

As descrições do Padre Matoso, tal como as anteriores, representam um importante auxiliar não só para o conhecimento dos indivíduos sepultados no Convento mas, também, porque através delas podemos conhecer como no século XVIII se encontravam distribuídas as capelas.

Depois de analisados os dados contidos nesta obra, concluímos que, uma vez mais, são maioritárias as referências às sepulturas datáveis do século XVI, logo seguidas pelas do século XVII. Entre estas, são mais numerosas as que se referem à segunda metade do século XVI, acontecendo o inverso para as do século XVII. As anotações relativas às sepulturas do século XVIII são escassas (quatro), divididas entre os primeiros anos e os meados do século, sendo a mais recente, a sepultura rasa de José Alexandre de Brito Vidal, de 1760. Desta forma, é possível concluir que as informações do Padre Matoso foram reunidas na segunda metade do século XVIII, sendo seguramente posteriores a 1760.

Quanto à distribuição por sexos, existem bastantes referências a sepulturas de indivíduos do sexo feminino, apesar de serem maioritárias as do sexo masculino.

Na escolha do local de sepultura, podemos observar que o maior número de anotações surge para o corpo da igreja, particularmente do lado da epístola, e para a ala sul do claustro.

Ainda do manuscrito de Braamcamp Freire, das notas referentes ao levantamento efectuado por **D. António Caetano de Sousa**, foi também possível recolher algumas descrições sobre sepulturas existentes no Convento. Apesar das inúmeras imprecisões verificadas, considerámos importante inclui-lo neste trabalho dada a existência de algumas informações inéditas.

D. António Caetano de Sousa (1674-1759) foi membro da Ordem de S. Caetano, tendo-se dedicado sobretudo aos estudos de Genealogia (Serrão ed., 1963, vol. IV, p. 67).

Apesar de o manuscrito de Braamcamp Freire não referir a data em que se efectuaram os registos, julgamos, pelas informações nele contidas, que deverão ter sido recolhidos em meados do século XVIII.

Dada as inúmeras contradições verificadas ao longo da descrição do Convento, podemos colocar como hipótese que Caetano de Sousa se terá limitado a copiar relatos de proveniências diversas, e que, provavelmente, nunca terá visitado o Convento de Santarém. Apesar disso, acrescenta alguns dados curiosos, nomeadamente informações relativas a sepulturas em espaços que normalmente não são referidos, como sejam a zona do cruzeiro ou o espaço fronteiro à capela-mor.

Uma vez mais verifica-se que são mais numerosas as sepulturas datáveis do século XVI, não existindo qualquer referência para o século XVIII. Consta-se, também, tal como nas descrições anteriores, que as sepulturas de indivíduos do sexo masculino estão em maioria.

É de salientar que, ao contrário do que acontecia com outros autores, as notas relativas às inscrições existentes no Convento de S. Francisco surgem no texto alternadas com descrições de epígrafes de outros edifícios religiosos o que poderá ter contribuído para a confusão gerada.

**António Joaquim Moreira** é, de todos os autores consultados, o que apresenta a recolha mais extensa e completa das inscrições existentes no Convento de S. Francisco de Santarém, antes das profundas alterações que irá sofrer ao longo dos séculos XIX e XX (Moreira, 1864). Este importante relato, recolhido em nove volumes, apresenta um enorme conjunto de inscrições tumulares dos mais importantes edifícios religiosos existentes no país. Apesar da escassa informação existente na Academia das Ciências de Lisboa parece-nos que António Joaquim Moreira deverá ter iniciado a sua recolha em 1845, baseando-se não só em obras impressas e manuscritas, como também em diversas visitas que efectuava regularmente a igrejas e cemitérios.

A descrição de António Joaquim Moreira sobre o Convento de Santarém refere um total de 202 sepulturas não existindo dúvidas de que o autor visitou o edifício, possivelmente pouco depois da saída dos frades, por quem, aliás, não nutre qualquer apreço como se pode verificar no seguinte texto:

*“O Corpo da Infanta D. Constança, primeira / mulher d’el Rei D. Pedro 1º, irmã d’el Rei D. / Fernando, tambem foi sepultado nesta Igreja / porem os Frades com as suas obras do Coro antigo / destruíram e deram cabo, e já no anno de 1740 se / ignorava o lugar em que meterão o tumulo, ou se o desmancharão, e lançarão o corpo n’ algu/ma cova commum, que nisso nenhuma duvida / terião, pois aos Frades e clerigos, como gente cujo / deos he a barriga, e os vicios, se deve em grande / parte a destruição dos monumentos antigos que ha/viam pelas Igrejas”* (Moreira, 1864, fol. 73-73vs).

Joaquim Moreira tem ainda o cuidado de descrever em pormenor não só os epitáfios, como também os brasões a eles associados, preocupando-se, inclusivamente, em desenhá-los. As suas anotações, além de importantes para o conhecimento dos indivíduos que foram sepultados no Convento servem, simultaneamente, para conhecer como se encontravam distribuídos os espaços no final da existência do Convento como espaço religioso (Ramalho, 1998, Cap. 2.8).

Dos dados recolhidos, podemos concluir que, uma vez mais, são maioritárias as referências a sepulturas datáveis do século XVI, seguindo-se as do século XVII. Entre estas, são mais numerosas as que se referem à segunda metade do século XVI, acontecendo o inverso para as que dizem respeito ao século XVII, tal como já tínhamos observado no relato das *Memórias Sepulchraes* do Padre Luís Montez Matoso. É ainda de realçar que existem apenas duas sepulturas datáveis do século XVIII, sendo a mais recente a de Nicolau Rodriguez, de 1740.

Quanto à distribuição por sexos, são maioritárias as referências a indivíduos do sexo masculino.

No respeitante à escolha do local de inumação, podemos observar que a maioria das sepulturas se encontram no claustro, na ala da Sala do Capítulo (43). Dentro da igreja, por sua vez, é na nave do lado da epístola onde aparecem o maior número de registos (28). Também o cruzeiro teria algum interesse como local de inumação, dado terem sido registadas pelo autor, um total de quinze sepulturas.

Neste documento, foi ainda possível localizar a sepultura do mestre pedreiro Vicente de Moura situada na nave da igreja do lado direito, personagem ligada, segundo informações do Doutor Rafael Moreira, a obras realizadas no Convento durante os anos de 1530 a 1550, nomeadamente na Capela de Santa Ana situada muito próximo do local onde terá sido sepultado<sup>3</sup>.

No século XVI, estava já bastante generalizada a prática de enterramentos em edifícios religiosos, a crescente tendência para a individualização das sepulturas é, tal como Philippe Ariès constatou, uma realidade a partir do século XII, afirmando-se até ao século XVIII, num claro esforço para combater o anonimato e conservar a identidade do indivíduo, mesmo após a sua morte (Ariès, 1975, p. 39-40).

O século XVI (época em que surgem o maior número de inumações conhecidas do Convento de S. Francisco de Santarém), afirma-se a procura da individualidade, resultado, por sua vez, da crescente ansiedade que rodeava o momento da morte. A afirmação das crenças ligadas ao Purgatório, levarão, segundo Jaques Le Goff, à "*dramatização da última parte da existência terrena, carregando-a de intensidade misturada de temor e de esperança*" (Le Goff, 1993, p. 426).

Simultaneamente é também notório nesta época, no seio das elites, uma crescente necessidade de exaltação do indivíduo como uma espécie de desafio à própria morte, exaltação esta tantas vezes expressa nos epitáfios (Vovelle, 1983, p. 216)<sup>4</sup>.

A importância da escolha de conventos mendicantes, nomeadamente por elementos da nobreza, parece ter sido uma característica marcante dos finais da Idade Média mas com continuidade nos séculos que se seguiram (Vilar, 1995, p. 100-101). Este fenómeno, especialmente relevante no século XVI, "período de ouro" de inumações em S. Francisco, terá ficado a dever-se em grande parte à especial devoção de D. Fernando I aí sepultado, devoção esta reforçada mais tarde pela presença de figuras como D. Duarte de Menezes ou D. Francisco de Mello.

Nos relatos analisados, são numerosas as referências a sepulturas de indivíduos designados nos epitáfios como cavaleiros, fidalgos etc., confirmando a ideia de que as desigualdades sociais se mantinham para além da morte, adquirindo o direito de ser sepultados nos locais sagrados por excelência, apenas aqueles que dispusessem de meios financeiros suficientes que suportassem tal privilégio.

Entre as várias inscrições relacionadas com a nobreza, será de destacar a representatividade de personagens intimamente ligadas ao rei, facto referido também por H. Vilar: *É de realçar, porém, que o século XV parece ter trazido para esta urbe (Santarém), uma nobreza ligada de sobremaneira ao rei e dele dependente no que se refere à sua ascensão*" (Vilar, 1995, p. 64).

Apesar disso, nas descrições de António Joaquim Moreira constata-se a existência de um pequeno conjunto de epitáfios de indivíduos de outras origens – Tabelaio, Mestre de Pedraria, Tesoureiro da Câmara de Santarém, Esteireiro, Serralheiro, Pasteleiro, Sapateiro, Vaqueiro, Odreiro e Carpinteiro.

No que diz respeito aos locais preferidos para a colocação da sepultura no interior do espaço conventual, a igreja, tal como referiu Hermínia Vilar na sua obra "*A vivência da morte no Portugal*

*medieval*”, parece ter constituído o espaço eleito por excelência, destacando-se, nos relatos por nós analisados, a nave do lado da epístola. O tipo de legados que sustentava os custos da localização da sepultura num local privilegiado e as cerimónias que se seguiam (celebração de missas, aquisição de círios etc.) eram, particularmente em Santarém, essencialmente bens rurais, o que parece coincidir com o que se conhece sobre as propriedades do Convento de S. Francisco, rico em vinhas e olivais a maior parte deles legados testamentários. Refiram-se, por exemplo, as vinhas que o Convento possuía no Monte Abade e Vale de Corujas, os olivais perto da Ponte da Asseca ou as almuinhas da Assacaia (Beirante, 1980).

Apesar da importância dos bens rurais, adquiriram também especial relevância os legados urbanos, nomeadamente de imóveis localizados dentro da própria cidade ou no seu termo.

Outro dos dados que foi possível constatar, relaciona-se com a partilha do local de inumação, sendo notório que essa partilha fosse feita com os familiares mais próximos. A escolha do cônjuge era, sem dúvida, prioritária tal como é visível nos relatos de D. António Caetano de Sousa e do Padre Inácio da Piedade Vasconcelos, logo seguida da referência aos herdeiros, nos relatos do Padre Luís Montez Matoso e de António Joaquim Moreira. As referências aos pais, irmãos ou outros familiares mais chegados surgem bastante distanciados em relação às escolhas atrás mencionadas, destacando-se, pelo insólito da situação, a sepultura de Bárbara Cardoso, acompanhada dos seus dois maridos.

Surgem igualmente alguns casos em que numa sepultura eram colocados os pais, os filhos e suas respectivas mulheres, reconstituindo-se, desta forma, a linhagem familiar.

Como acabamos de ver, procurava-se essencialmente para companheiros na morte aqueles com quem se tinha partilhado a vida, ou seja, a maior parte dos epitáfios existentes no Convento de S. Francisco de Santarém pertencia a ascendentes e sobretudo descendentes em linha vertical, surgindo em último lugar os respeitantes a familiares colaterais.

Esta característica epigráfica prende-se, sem dúvida, com o próprio sistema de transmissão patrimonial, sendo simultaneamente uma forma de afirmação da própria linhagem perante as gerações vindouras (Barroca, 2000, p. 286-287).

Da mesma forma, podemos concluir, a partir dos documentos, que são escassas as referências a sepulturas fora do edifício, nomeadamente no adro, onde, por tradição, se sepultavam os que tinham menos posses<sup>5</sup>. Da curta intervenção arqueológica por nós efectuada em 1992, no local que correspondia ao antigo alpendre, podemos afirmar que os vestígios relacionados com enterramentos e sepulturas aí detectados parecem repetir o que se passa no interior da igreja, onde a intervenção arqueológica foi mais aprofundada, ou seja, surgem sepulturas mais ou menos alinhadas e escavadas na rocha<sup>6</sup>. Apesar dos poucos dados disponíveis para o exterior, a semelhança existente entre uma e outra situação parece-nos óbvia pois são conhecidos os relatos que referem que em dias de maior afluência, o alpendre exercia as mesmas funções da igreja (Esperança, 1656, p. 452).

Em resumo, poderíamos concluir que a maior parte dos dados recolhidos parecem confirmar, de uma forma curiosa e em quase todos os aspectos, as hipóteses defendidas por H. Vilar. Gostaríamos no entanto de destacar que, apesar das conclusões da autora se reportarem essencialmente à Baixa Idade Média e a realidade do Convento de S. Francisco se relacionar sobretudo com a época moderna, julgamos que os principais factores que estiveram na base desta realidade não se terão alterado substancialmente.

Apesar dos resultados apresentados, temos consciência que este tipo de fontes poderá conduzir a alguns erros. Após as intervenções arqueológicas realizadas<sup>7</sup>, foi possível confirmar que muitos dos enterramentos efectuados no interior da igreja, ao longo dos séculos, não possuí-

ram, certamente, qualquer tipo epitáfio<sup>8</sup>, tendo-se perdido para sempre a sua memória. Assim, apenas alguns dos indivíduos sepultados poderiam reunir condições financeiras suficientes que lhes permitissem pagar a execução de um túmulo ou até mesmo de uma simples laje gravada. Tal poderá ser também a limitação do estudo de H. Vilar dado a análise efectuada se limitar apenas aos testamentos e doações por alma dos indivíduos que, na realidade, poderiam suportar tais encargos.

Por último, falta-nos referir que, infelizmente, dos inúmeros túmulos ou lajes epigrafadas outrora existentes no Convento de S. Francisco de Santarém, praticamente nenhum se conservou intacto, restando-nos apenas a pequena colecção de fragmentos que seguidamente iremos apresentar.

Como exemplo da destruição maciça e dos diversos destinos a que estas peças estiveram sujeitas, referiremos apenas o caso dos túmulos sobejamente conhecidos de D. Fernando e de D. Duarte de Menezes. O túmulo de D. Fernando, depositado no Convento do Carmo, em Lisboa, encontra-se mutilado e enegrecido pela errada aplicação de produtos destinados à execução de um molde. O de D. Duarte, presentemente na igreja de S. João do Alporão, terá sofrido, à data da sua trasladação, profundas alterações, nomeadamente com o restauro a que foi submetido em 1881-82.

O passar dos séculos, a incúria e o desleixo dos próprios frades, dos militares que desde 1810 ocuparam o convento, e dos responsáveis pelas acções de restauro, bem como o natural esquecimento a que foram votadas a maioria das sepulturas, terão contribuído, de uma forma dramática, para a presente situação.

### **Inventário epigráfico**

O grupo de epígrafes que agora representamos é assim apenas uma ínfima parte das que outrora preenchiam o Convento de Santarém. Apesar de todas as inscrições serem de carácter funerário, a maior parte não permite, sequer, a identificação do defunto. Assim, o pequeno conjunto de lápides que logrou chegar até aos nossos dias é bem o símbolo da atribulada história deste monumento que, particularmente nos últimos duzentos anos, assistiu a um desfilar de guerras e cataclismos de vária espécie. De facto, é hoje praticamente impossível reconstituir o destino que terão tido a maior parte das sepulturas existentes na igreja, bem como as que preenchiam o interior de algumas capelas, nomeadamente da notável Capela das Almas, Panteão dos Meneses.

Quando em 1844 se instala no Convento o Regimento de Cavalaria n.º 4, a igreja passa a servir de cavaleriça, sendo provável que o pavimento original tivesse sido retirado, de forma a evitar que os cavalos escorregassem nas lajes. Apesar das pesquisas efectuadas e dos relatos existentes, não nos foi possível saber qual o destino desses elementos. Podemos apenas colocar como hipótese que tenham sido partidos e reutilizados nas várias construções e anexos que serviram de instalação ao referido Regimento. Já neste século, quando a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais inicia as obras de restauro no Convento e particularmente na igreja, são efectuadas inúmeras escavações sem qualquer tipo de acompanhamento científico, podendo constatar-se, por fotografias da época, que algumas lápides com inscrições são postas a descoberto, não se sabendo mais do seu paradeiro<sup>9</sup>. Simultaneamente, os poucos elementos que ainda restavam ao nível do solo foram arrancados durante os trabalhos dos anos 80, de forma a nivelar o pavimento com uma camada de pedra e cimento<sup>10</sup>.

Por outro lado, na zona do claustro, a maior parte das lajes das sepulturas existentes parecem também ter sido retiradas quando se instala o regimento militar, podendo algumas delas ter servido para revestir zonas do antigo jardim, tal como refere J. Possidónio N. da Silva:

*“Antigamente era o pavimento formado por noventa e duas campas que fechavam as sepulturas de diferentes personagens como indicam os epitáfios gravados nelas. Porém hoje não existe uma única tendo sido arrancadas aos pedaços e com estes fragmentos se lagearam as ruas à roda dos canteiros, que hoje ermos de vegetação ocupam o espaço descoberto do recinto do dito claustro”* (Possidónio da Silva, 1861-1862).

Ainda segundo Zeferino Brandão:

*“Salvou-se o maior dos dois claustros que tinha o Convento; mas, para ajuizar-se do seu estado, basta saber como lhe tratavam o pavimento. Era este formado por noventa e duas campas, que fechavam outras tantas sepulturas, conforme indicavam os epitaphios alli gravados: e, querendo-se evitar que os cavallos de um corpo de cavallaria, aquartelado no Convento, escorregassem, ao passar pelo claustro, arrancaram aos pedaços as lages tumulares e atiraram ao vento as cinzas que ellas cobriam!”* (Brandão, 1895, p. 43).

Gostaríamos ainda de referir que algumas das inscrições existentes no Convento de S. Francisco poderão ter vindo de outros locais. Na realidade, a existência algo estranha de epígrafes de sorores e abadessas num convento masculino faz supor que o Convento de S. Francisco tenha servido de depósito para materiais resultantes das inúmeras demolições efectuadas na cidade ao longo deste século. Assim, apesar de provavelmente não terem pertencido ao Convento, resolvemos incluir no nosso estudo as epígrafes n.ºs 35, 36 e 37, por fazerem parte do acervo conservado neste monumento.

Podemos colocar como hipótese que algumas destas inscrições tenham vindo do vizinho Convento de Santa Clara, dado que, pelo menos desde os anos trinta deste século, este monumento foi alvo das mais profundas destruições, sobrando apenas, do grande conjunto conventual, a igreja, totalmente descaracterizada.

A maioria das inscrições constantes no catálogo em anexo são dos século XVII-XVIII, sendo as mais antigas datáveis do século XV. De uma maneira geral, estão bastante fragmentadas e em mau estado de conservação. Algumas ainda se encontram colocadas no pavimento e outras embutidas nas paredes. De qualquer forma, mesmo em relação a estas últimas, verifica-se que, muito provavelmente, terão sido deslocadas durante as obras, nomeadamente as que se encontravam na parede Norte da igreja e na parede Oeste do claustro, áreas onde se realizaram grandes trabalhos de reconstrução.

Como se pode verificar no catálogo, todas as epígrafes inventariadas aplicam o alfabeto capital romano maiúsculo, quando este não é utilizado, assinala-se no texto descritivo da peça<sup>11</sup>. As inscrições são ainda apresentadas com desdobramentos de abreviaturas, os quais são devidamente assinalados. O texto conservado foi transcrito em maiúsculas e todas as letras que resultam da resolução de abreviatura assinalada na inscrição vão em minúsculas. O desdobramento de abreviaturas não assinaladas no original epigráfico foi feito recorrendo a letras minúsculas colocadas entre parênteses curvos. As reconstituições de caracteres desaparecidos (por fractura, erosão ou qualquer outro motivo) são assinaladas por letras minúsculas entre parênteses rectos. Todas as partes ausentes são assinaladas com reticências entre parênteses rectos. Os sinais de



abreviatura foram suprimidos do texto, mas os sinais de separação de palavras foram, tanto quanto possível, respeitados nas suas formas gráficas (como exemplo o ponto isolado "."). Os textos foram também apresentados em sequência contínua, assinalando-se o final de cada regra com um traço oblíquo.

Na elaboração deste trabalho, julgámos ainda necessário incluir as características do suporte, as dimensões das peças e a altura média das letras, apesar de se anexar, para as mais relevantes, o respectivo desenho.

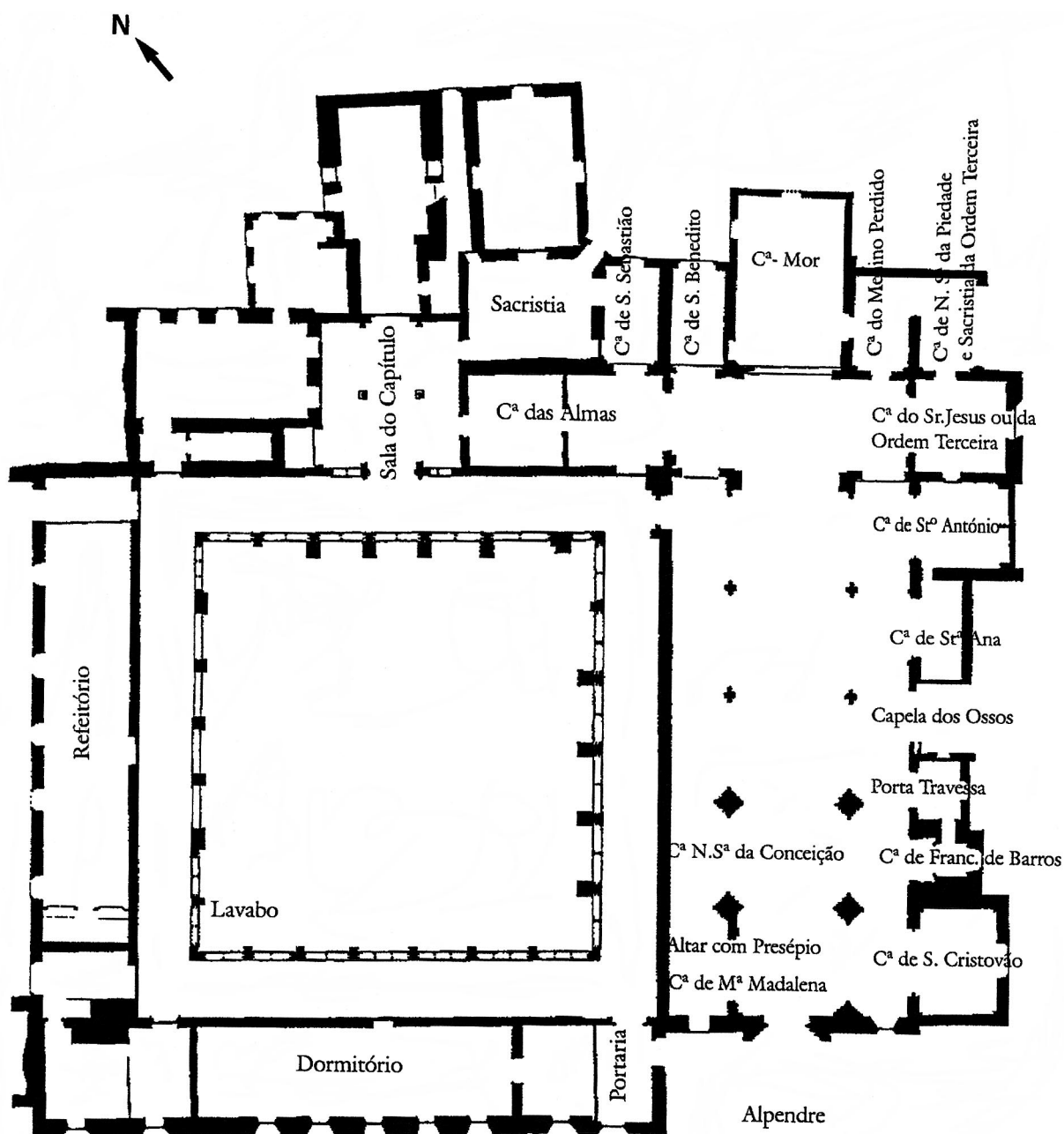


Fig. 2 O Convento de S. Francisco de Santarém segundo os relatos dos séculos XVII e XVIII. Adaptação de planta da DGEMN de 1945.

## Catálogo

---

### *Epígrafes que estavam originalmente no corpo da igreja*

---

1

**N.º de Inventário** 1999

**Cronologia** Século XVI (1582 e 1587)

**Leitura**

NESTA CAPELA IAZEN SEPULTAD / O(s) DOM ANTONIO DALMEIDA . DO / CONSELHO DEL REI NOS(s)O S(e)N(h)OR Q(ue) FA / LECEO A . 30 . DE NOVE(m)BRO . DE . / 582 . E . DONA BRITIS DA SILVA SU/A MOLHER Q(ue) FALECEO A . 17 . DE / NOVEmBRO . DE . 1587 . ANOS . / Q(ue) NOS(s)O . S(e)N(h)OR TE(n)HA . EN SUA GLORIA

**Dimensões** Comp.: 85 cm; Largura: 112 cm.

Altura média das letras: 3,5 cm.

**Referências** Moreira, 1864, fol. 73 vs.; Piedade Vasconcelos, 1740, p. 200 - 201.

**Observações** Insc. gravada em calcário.

Esta sepultura estava colocada, segundo António Joaquim Moreira, sob o Coro de D. Fernando perto da Capela de Nossa Senhora da Conceição. O autor leu “António Alves Dias” em vez de António de Almeida. Actualmente a inscrição encontra-se na parede norte da igreja, onde outrora existiu a Capela de Nossa Senhora da Conceição. Dado se ter verificado, no final dos anos 40, a derrocada desta parede e parte do claustro, é natural que a inscrição não se encontre exactamente no local original.

2

**N.º de Inventário** 1127

**Cronologia** Século XVII ou XVIII

**Leitura**

S(epultur)a DE LU[iza] / LOBA C[ortez...] / [...]

**Dimensões** Comp.: 23 cm; Largura: 28 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Referências** Moreira, 1864, fol. 81 vs.; Braamcamp Freire, [s. d.], fol. 31.

**Observações** Inscrição em calcário.

Segundo António Joaquim Moreira a sepultura estaria colocada na igreja na nave do Evangelho.

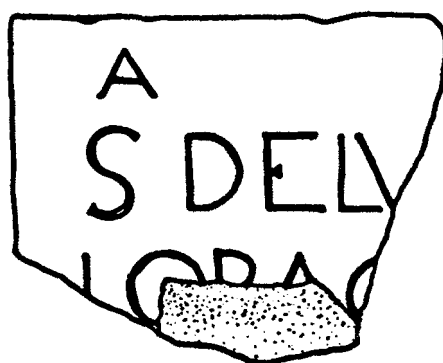
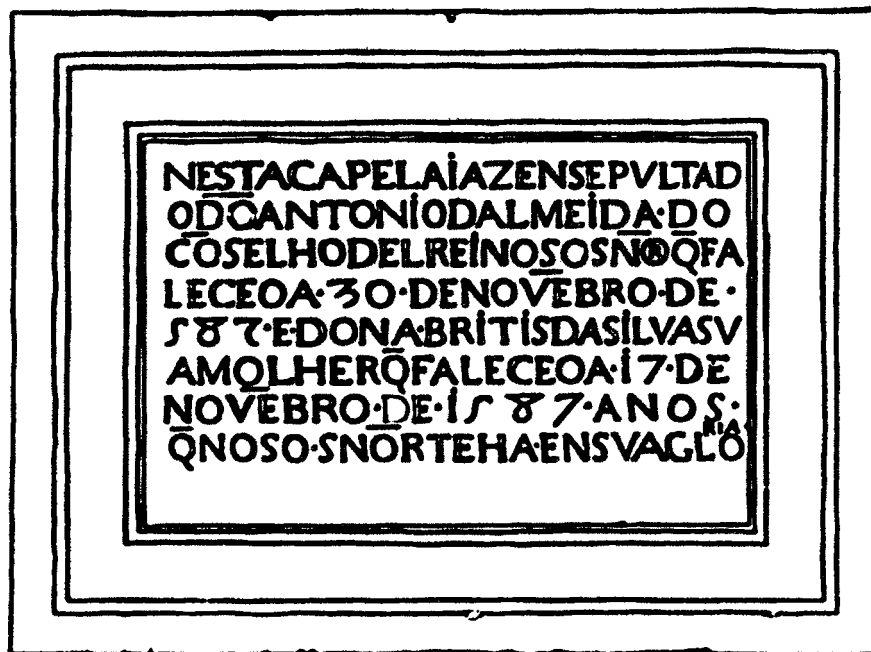


Fig. 3 Desenho das epígrafes n.ºs 1 e 2.

3

**N.º de Inventário** 1566**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

[...] O DE [...] / [...] E SUA [...] / [...] FILIP(a) [...]

**Dimensões** Comp.: 35 cm; Largura: 41 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Referências** Moreira, 1864, fol. 81 vs.; Braamcamp Freire, [s. d.], fol. 31.**Observações** Inscrição em calcário.

Segundo António Joaquim Moreira, esta sepultura seria de João Soares e de D. Filipa de Abreu e estaria colocada na igreja na nave do lado do Evangelho. Segundo, D. António Caetano de Sousa, tratava-se de uma sepultura rasa.

---

*Epígrafes que estavam originalmente nas capelas laterais do lado da Epístola:*

---

4

**N.º de Inventário** 1578**Cronologia** Século XVI**Leitura**

ESTA CAPELA E DE FR(ancis)co <Bar(r)OS> DE / M(ari)a D(e) ARAUIO SUA MOLHER E/  
(h)ERD(ei)Ros Q(ue) INSTITUIRÃO/ E FABRICARÃO . COMO / SE VERA PeLA . INSTITUI-  
CÃO/ Q(ue) . SE FEZ . E . TEM . M(issas) . C(antadas) . Por . SUAS . AL(mas) .

**Dimensões** Comp.: 57 cm; Largura: 54 cm; Esp.: 15 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Referências** Moreira, 1864, fol. 67 vs.**Observações** Inscrição em calcário.

Esta inscrição de D. Francisco de Barros que morreu em 13 de Junho de 1570, encontra-se ainda hoje no local original, ou seja, na segunda capela, quem entra na igreja, do lado da Epístola. António Joaquim Moreira refere este espaço como sendo a Capela de Nosso Senhor.

Na parte superior, ocupando os dois primeiros terços da tampa, apresenta um escudo com as Armas dos Barros (três bandas de prata dispostas sobre fundo vermelho, acompanhadas por nove estrelas de seis pontas em ouro). O escudo apresenta ainda um timbre constituído por elmo de viseira com paquife de desenvolvimento simétrico que sai do virol ou rolete. Neste, apoia-se uma cruz em aspa com cinco estrelas de seis pontas, semelhantes às peças do escudo. A inscrição encontra-se ainda enquadrada por cartela de traçado renascentista.



Fig. 4 Desenho das epígrafes n.ºs 3 e 4.

5

**N.º de Inventário** 488A-488B**Cronologia** Século XVI (1530)**Leitura**

AQUI JAZ DONA BRA(n)CA COUTINHA . MOLHER QUE FOY ...

**Dimensões** Comp.: 34 cm; Largura: 1,43 cm.

Altura média das letras: 4 cm.

**Referências** Piedade Vasconcelos, 1740, p. 202; Moreira, 1864, fol. 66 vs.**Observações** Inscrição em calcário utilizando caracteres góticos minúsculos angulosos.António Joaquim Moreira, faz referência a esta inscrição como estando colocada na Capela de St<sup>a</sup> Ana, juntamente com a de outros membros da família dos Coutinhos.

D. Branca Coutinho faleceu em 11 de Março de 1530. O resto desta inscrição é referida pelo P. Inácio da Piedade de Vasconcelos da seguinte forma:

*“Aqui jaz Dona Branca Coutinho, mulher que foy de George de Mello que morreo sobre Marzagão, e filha de Vasco Fernandes Coutinho, que matárão em Castella na batalha do Touro. Morreo a huma sexta feira de Lazaro II. dias do mez de Mayo, era de 1536.”*

6

**N.º de Inventário** 1579**Cronologia** Século XVI**Leitura**

AQUI JAZ : MARTIM : A(fonso) [...] / JORGE : DE MELO : E [...] / COUTINHA : E [...] [ma] / RIA : H(anryques) [...]

**Dimensões** Comp.: 30 cm; Largura: 40 cm.

Altura média das letras: 6 cm.

**Referências** Piedade Vasconcelos, 1740, p. 202; Moreira, 1864, fol. 66 vs; Smith, Ronald Bishop, [s. d.].**Observações** Inscrição em calcário utilizando caracteres góticos minúsculos angulosos.António Joaquim Moreira faz referência a esta inscrição como estando colocada na Capela de St<sup>a</sup> Ana, juntamente com a de outros membros da família dos Coutinhos.

Martim Afonso de Melo natural de Santarém, era filho de D. Jorge de Melo e D. Branca Coutinha também sepultada na Capela das Almas. Em 1521, dirigiu-se para a Índia de forma a preparar a futura viagem à China que acabou por se realizar em 1522. Em 1525 voltou a Portugal, tendo falecido em 1526 (Smith [s. d.]).

Em 1755, resolveu-se encurtar a Capela de Santa Ana que tinha sido particularmente afectada pelo terramoto. Desta forma, construiu-se uma parede que reduzia o espaço sensivelmente para metade. Além de parcialmente danificada pelo novo muro, a pequena arca tumular de Martim Afonso de Melo foi propositadamente picada de forma a facilitar a colocação dum novo reboco (ver desenho).

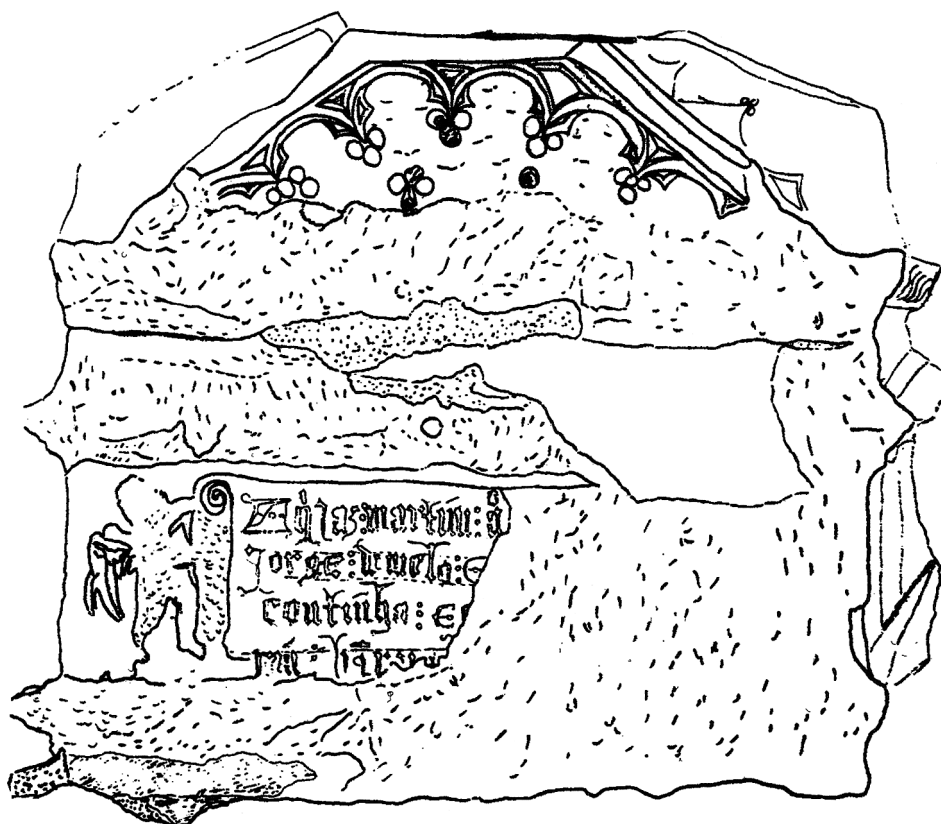
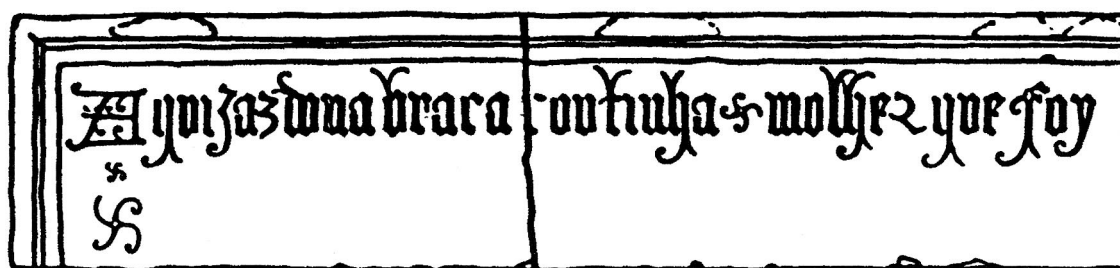


Fig. 5 Desenho das epígrafes n.ºs 5 e 6.

Epígrafes que estavam originalmente na Capela das Almas - Panteão dos Meneses (lado do Evangelho):

7

**N.º de Inventário** 656**Cronologia** Século XVII (1658)**Leitura**

[...] TELLO DE MEN(eses) . SENDO / [...] AR DESTA CAP(ela) DO ME / [...] NA P. QUAL SE CELEBRAR / [...] AS PENAS DO PURGATO / [rio...] Q(ue) FOI CRIADA . / [...] BULLA DE SUA / [...] U AO R. P. / [...] DE 1658.

**Dimensões** Comp.: 61 cm; Largura: 57 cm; Esp.: 13 cm.

Altura média das letras: 2,5 cm.

**Referências** Esperança, 1656, p. 470; Piedade Vasconcelos, 1740, p. 206.**Observações** Inscrição em calcário.

Poderá ser a inscrição referida por Frei Manuel da Esperança como estando colocada na Capela das Almas “*Seu bisneto D. João Tello de Menezes o qual sendo Embaixador em Roma, pera impetrar com maior facilidade o insigne privilegio das almas, que logra esta capella, todos estes depositos de seus illustres antepassados allegou a o Pontifice*” (Esperança, 1656, p. 470).

Também o P. Inácio da Piedade se refere a esta sepultura da seguinte forma:

“*Seu bisneto D. João Tello de Menezes, tambem aqui jaz sepultado, o qual foy taõ devoto das Almas, que quiz, e foy Embayxador a Roma, sendo o seu principal designio, para que com mayor facilidade impetrasse o grande privilegio das Almas, que logra esta dita Capella, cujo Breve elle trouxe, allegando para a concessão delle, todos estes depositos de seus illustres antepassados, que ali esperaõ o Juizo final*” (Piedade Vasconcelos, 1740, p. 206)

8

**N.º de Inventário** 1501A; 1501B; 1501C**Cronologia** Século XVII**Leitura**

S(epultur)a DE Dom P(edr)o DE MENEZES . E / DE DONA . ANNA E[nriques] / SUA MOLHER . E [de seus he]R / DEIROS . CUIA EST[...] / HE

**Dimensões** Comp.: 111 cm; Largura: 122 cm; Esp.: 18 cm.

Altura média das letras: 6 cm.

**Referências** Esperança, 1656, p. 470; Piedade Vasconcelos, 1740, p. 206; Braamcamp Freire, [s. d.], fol. 29; Matoso, 1738, cap. XVIII, fol. 68; Moreira, 1864, fol. 63.**Observações** Inscrição em calcário.

Segundo diversos autores, esta sepultura estaria colocada na Capela das Almas Panteão dos Meneses onde, apesar de partida, ainda hoje se encontra. Tratava-se, segundo António Moreira, de um sepulcro de pedra bem lavrada e embutido na parede onde estavam também sepultados os pais de D. Pedro – D. Duarte de Meneses e D. Antónia Henriques para além dos seus herdeiros.



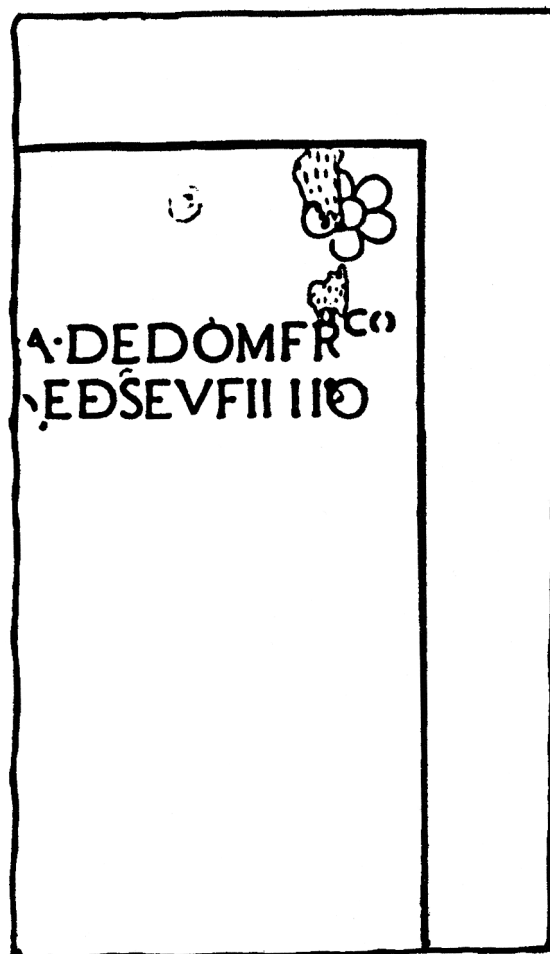
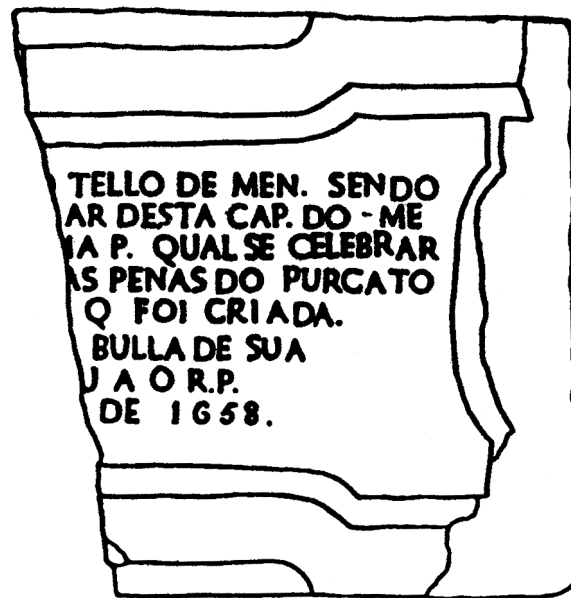


Fig. 6 Desenho das epígrafes n.ºs 7 e 9.

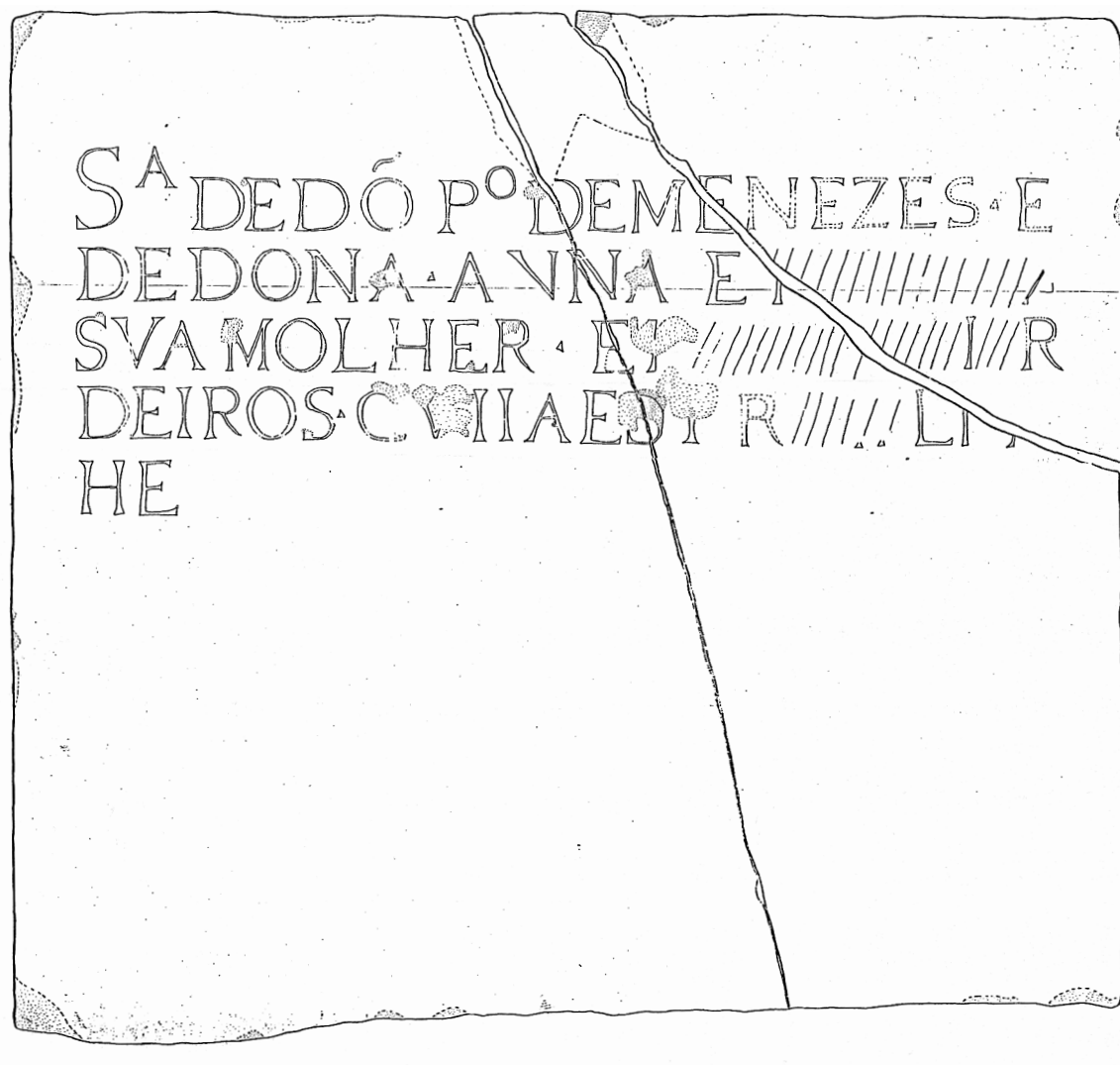


Fig. 7 Desenho da epígrafe n.º 8.

## 9

**N.º de Inventário** 2002

**Cronologia** Século XVII ou XVIII

**Leitura**

[sepultur]A DE DOM FR(ancis)co / [...] E DE SEU FILHO

**Dimensões** Comp.: 220 cm; Largura: 69 cm; Esp.: 10 cm.

Altura média das letras: 4,5 cm.

**Referências** Moreira, 1864, fol. 63.

**Observações** Inscrição em calcário.

Esta lápide encontrava-se segundo António Joaquim Moreira, junto à Capela das Almas na passagem para a Capela de S. Sebastião. Hoje, a mesma inscrição, apesar de incompleta, mantém-se no mesmo local.

---

*Epígrafes que estavam originalmente no Claustro:*

---

## 10

**N.º de Inventário** 1577A,1577B,1577C

**Cronologia** Século XVI ou XVII

**Leitura**

ESTA . S(epultur)a . E . DE . IO / RGE . F(e)R(nande)Z [.] SAPA/TEIRO . D [...] / HAIS [...] / M .  
DE [...] / DE [...]

**Dimensões** Comp.: 57 cm; Largura: 54 cm; Esp.: 15 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Referências** Moreira, 1864, fol. 77 vs.

**Observações** Inscrição em calcário.

Segundo António Moreira, esta inscrição encontrava-se na ala do claustro da parte da Sala do Capítulo. Também segundo Ângela Beirante, Jorge Fernandes era Sapateiro e Irmão da Misericórdia. Ainda vivo em Outubro de 1578, é eleito Mordomo da Bolsa da Misericórdia (Beirante, 1981, p. 243)

## 11

**N.º de Inventário** 1492

**Cronologia** Século XVII ou XVIII

**Leitura**

[...] P(edr)o . AL[vares ...] / [...]

**Dimensões** Comp.: 13 cm; Largura: 16 cm; Esp.: 10 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Referências** Moreira, 1864, fol. 78vs.

**Observações** Inscrição em calcário.

Poderá corresponder à sepultura de Pedro Álvares, de sua mulher Isabel Ribeira e herdeiros. Localizava-se segundo António Moreira, no claustro na ala da sala do capítulo.

12

**N.º de Inventário** 2001A-2001B**Cronologia** Século XVII e XVIII (1610 e 1758)**Leitura**

(A)

ESTA QUADRA HE / IASIGO . DOS . IRMAOS / DA CONFRARIA . DE . / N (ossa) . S(enhor)ra  
 . DA CONSOLAÇÃO / E CHAGAS . DE N(osso) . Padre . S(ão) . / FR(ancisc)o . MAS . NAÕ .  
 PODE/EM POR . LETREIROS / NOS IAZIGOS . PAR . / TICULARES . ANNO / 1610

(B)

NESTE JAZIGO Tem AGO/RA SEPULTURA OS IRMÃ/OS DA IRMA(n)D(ad)e DE N(ossa) .  
 S(enhora) . DA / CONCEIÇÃO DA COROA . / 1758

**Dimensões** 2001A: Comp.: 77 cm; Largura: 74 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Dimensões** 2001B: Comp.: 44 cm; Largura: 87 cm.

Altura média das letras: 3 cm.

**Referências** Moreira, 1864, fol. 71 vs.**Observações** Inscrição em calcário.

António Joaquim Moreira refere que esta lápide estaria colocada no claustro na ala do Refeitório. Actualmente, esta epígrafe está colocada na parede da ala oeste do claustro.

---

*Epígrafes com localização incerta:*

---

13

**N.º de Inventário** 2011**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

[...] DO (m ?) GAS/ [par ?...] OIA ... NIO / [...] HERDEIRO

**Dimensões** Comp.: 60 cm; Largura: 51 cm.

Altura média das letras: 6 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.

14

**N.º de Inventário** 2007**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

[...]/ [...] A DAO / A Z ... DE IULHO

**Dimensões** Comp.: 101 cm; Largura: 63 cm.

Altura média das letras: 4,5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.

ESTA SEDE IO  
RGE FRZ SA DA  
TEIRO D  
HAIS  
M DF  
DE

ESTA QVADRA HE  
IA SIGO DO SÍRMAO  
DA CÔFRARIA DE  
N. S. DA CÔ SOLAÇÃO  
E CHAGAS D. N. P. S.  
FRÇ. MAS NAÕ POD  
EMPOR LETREIROS  
NOS JAZIGOS PART  
TICVLARES ANNO  
1610

NESTE JAZIGO TÈ AGO  
RA SEPULTURA OS IRMÃ  
OS DA IRMAND. DE N. S. DA  
CONCEIÇÃO DA CORO A.  
1758

Fig. 8 Desenho das epígrafes n.ºs 10 e 12.

**15****N.º de Inventário** 1092**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

[...] S E [...] / [...] (her)D(eir)os [...]

**Dimensões** Comp.: 26 cm; Largura: 18 cm; Esp.: 9 cm.

Altura média das letras: 6,5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.**16****N.º de Inventário** 422**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

S(epultur)a DE C(atarin)a (?) [...] / BE SA . [...]

**Dimensões** Comp.: 19 cm; Largura: 25 cm; Esp.: 12 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.**17****N.º de Inventário** 1122**Cronologia** Finais do Século XV ou 1º quartel do Século XVI**Leitura**

G(onçal)o AZE(ve)D[o...]

**Dimensões** Comp.: 23 cm; Largura: 28 cm; Esp.: 7 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário utilizando caracteres góticos minúsculos angulosos.

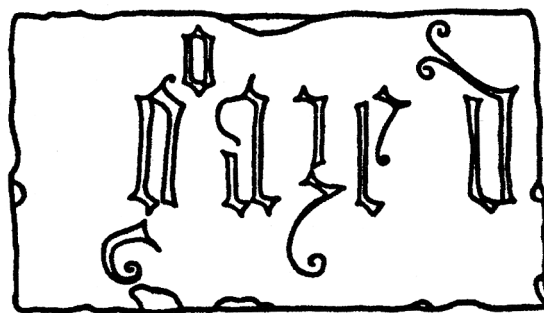
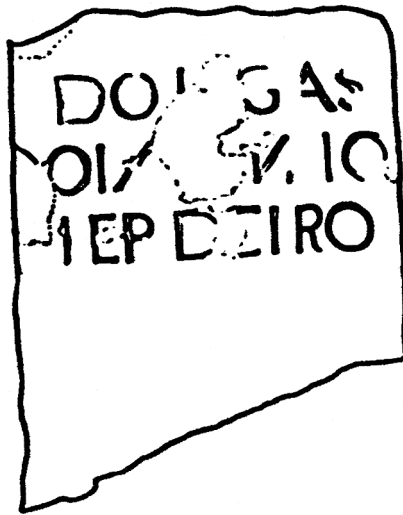


Fig. 9 Desenho das epígrafes n.ºs 13 e 17.

**18****N.º de Inventário** 1543**Cronologia** Século XVII**Leitura**

[sepultura...] D(e) MARIA / F(e)R(nande)Z . E SEus / HERD(ei)ROS

**Dimensões** Comp.: 7 cm; Largura: 42 cm; Esp.:15 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.**19****N.º de Inventário** 352**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

[...] IL [...] / [...] IOPADOR (?) [...] / [...] VADOS TIM [...] / [...herd] EIROS

**Dimensões** Comp.: 27 cm; Largura: 39 cm; Esp.: 13,5 cm.

Altura média das letras: 4,5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.**20****N.º de Inventário** 468**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

[...] ZBE [...] / [...] TUNE [...]

**Dimensões** Comp.: 13 cm; Largura: 17 cm; Esp.: 13 cm.

Altura média das letras: 4,5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.**Referências****Observações** Inscrição em calcário.**21****N.º de Inventário** 1110**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

S(epultur)a . d(e) [...] / DO [...] / V [...]

**Dimensões** Comp.: 27 cm; Largura: 13 cm; Esp.: 13 cm.

Altura média das letras: 5,5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.



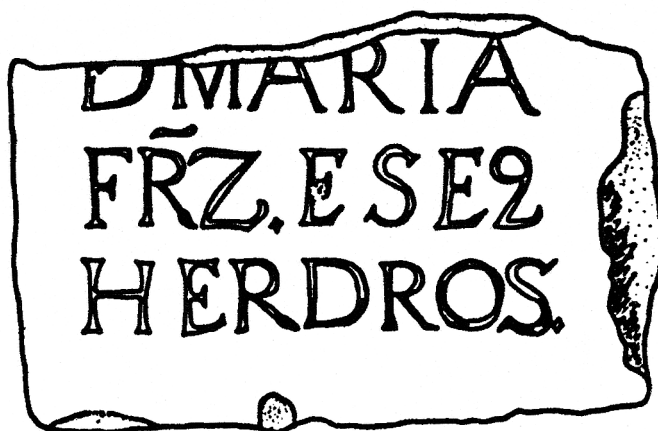


Fig. 10 Desenho das epígrafes n.ºs 18 e 19.

**22****N.º de Inventário** 564**Cronologia** Século XV**Leitura**

[...] / (mo)LHER DE [...]

**Dimensões** Comp.: 8 cm; Largura: 22 cm; Esp.: 14 cm.

Altura média das letras: 3,5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário utilizando caracteres góticos minúsculos angulosos.**23****N.º de Inventário** 3620**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

S(epultura) [...] / E [...]

**Dimensões** Comp.: 14 cm; Largura: 18 cm; Esp.: 13 cm.

Altura média das letras: Não é possível verificar.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.**24****N.º de Inventário** 1997**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

S(epultur)a D(e) M(aria) PInTA [?...]

**Dimensões** Comp.: 27 cm; Largura: 49 cm; Esp.: 13 cm.

Altura média das letras: 6,5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.**25****N.º de Inventário** 413A-413B**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

[Sepultura] DE AntaO DIaZ E / [d]E SEUS (h)ERDE / [ir]OS

**Dimensões** Comp.: 24 cm; Largura: 43 cm; Esp.: 15 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.



Fig. 11 Desenho das epígrafes n.ºs 24 e 25.

**26**

**N.º de Inventário** 657A-657B

**Cronologia** Século XVII, XVIII ou XIX

**Leitura**

(se)PU(ltura) [...]

**Dimensões** Comp.: 27 cm; Largura: 52 cm; Esp.: 11 cm.

Altura média das letras: Não é possível verificar.

**Referências**

**Observações** Inscrição em calcário.

**27**

**N.º de Inventário** 1715

**Cronologia** Século XVII ou XVIII

**Leitura**

[...] (mu)LH(e)R / [...]

**Dimensões** Comp.: 33 cm; Largura: 33 cm; Esp.: 11 cm.

Altura média das letras: 4,5 cm.

**Referências**

**Observações** Inscrição em calcário.

**28**

**N.º de Inventário** 1998

**Cronologia** Século XV ou 1º quartel do Séc. XVI

**Leitura**

[...] PORTA [...]

**Dimensões** Comp.: 40 cm; Largura: 62 cm.

Altura média das letras: 3 cm.

**Referências**

**Observações** Inscrição em calcário utilizando caracteres góticos minúsculos angulosos.

**29**

**N.º de Inventário** 294

**Cronologia** Século XVII ou XVIII

**Leitura**

[...] (herdei) ROS / [...]

**Dimensões** Comp.: 20 cm; Largura: 28 cm; Esp.: 10 cm.

Altura média das letras: 6,5 cm.

**Referências**

**Observações** Inscrição em calcário.



Fig. 12 Desenho das epígrafes n.ºs 28 e 34.

**30****N.º de Inventário** 316**Cronologia** Século XV ou 1º Quartel do Séc. XVI**Leitura**

AQUI (iaz...) [...] / [...]

**Dimensões** Comp.: 38 cm; Largura: 34 cm; Esp.: 10 cm.

Altura média das letras: 6 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário utilizando caracteres góticos minúsculos angulosos.**31****N.º de Inventário** 2009**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

AQUI . IAZ . [...] / [...] / [...] / [...]

**Dimensões** Comp.: 200 cm; Largura: 98 cm; Esp.: 10 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário. Actualmente encontra-se no chão, junto à entrada da igreja.**32****N.º de Inventário** 2008**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

S(epultur)a [...] / [...]

**Dimensões** Comp.: 180 cm; Largura: 72 cm.

Altura média das letras: Não é possível verificar.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário. Actualmente encontra-se no chão, junto à porta de entrada na igreja.**33****N.º de Inventário** 2003**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**

[...] ARIE / [...] MOLHER

**Dimensões** Comp.: 190 cm; Largura: 82 cm.

Altura média das letras: 6 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário. Encontra-se actualmente no chão da Capela de S. Sebastião.

34

**N.º de Inventário** 2005**Cronologia** Século XVII (1660, 7 de Março)**Leitura**

[...]/ O MUITO A . 7 . DE MARSO / DE 1660

**Dimensões** Comp.: 95 cm; Largura: 89 cm.

Altura média das letras: 6 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário.

---

*Epígrafes que não deverão pertencer ao Convento:*

---

35

**N.º de Inventário** 1116**Cronologia** Século XVII ou XVIII**Leitura**SEPULTURA DE / SOROR IULIANA / De S. PR E DE SOROR / INASIA E De SOROR / LUIZA  
DAS CHA/MAS [?]**Dimensões** Comp.: 80 cm; Largura: 65 cm; Esp.: 15 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

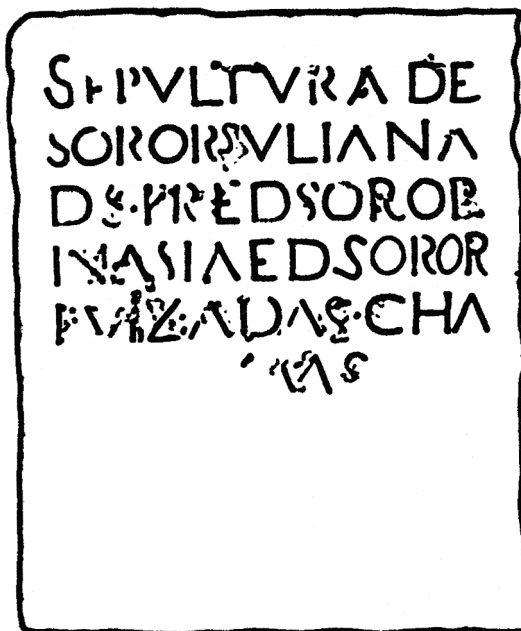
**Referências****Observações** Inscrição em calcário.

Fig. 13 Desenho da epígrafe n.º 35.

36

**N.º de Inventário** 2006**Cronologia** Século XVII (1603, Novembro, 20; 1632, Agosto, 6; 1645, Março, 5; 1652, Outubro, 5)**Leitura**

AQUI IAS . SEPULTADO O / CORPO . DA M(ui)to RELIGIOZA M(adre) / DONA . BRI(t)ES DO AMARAL . Que / MAnDOU . FAZER ESTA CAPELA / E . ACABOU . A VIDA SA(n)TAM(en)te . AOS / 20 . DE . NO(vem)bro . DA . ERA . DE . 1603 / E . SUA IRMÃ A M(adre) M(aria) DA VIZI-TAÇÃO / FOI FILHA DE F(e)RN(ao) DIAS DO AMA / RAL . CHANSAREL MOR E D(e) DONA / PHELLIPA DE CARNEIRO FALLESE/O . AOS 6 DE AGOSTO D(e) 632 E / SUAS SUBRINHAS ... ANNA (?) DE / I(e)HUS FILHA DE VELCHIOR DO A/MARAL E DE DONA ANNA DE ABREu . / FALECEU AOS 5 (?) DE MARSO DE 645 / ... A DE IH(es)US FILHA / DE ROI (...) LOBO E DE DONA / IZABEL DE CARVALHO FALESEO AOS 5 (?) DE OUTUBRO DE 652 / E TODAS TRES FORAO ABB(adess)AS

**Dimensões** Comp.: 224 cm; Largura: 110 cm.

Altura média das letras: 5,5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário, colocada no chão, junto à entrada da igreja.

37

**N.º de Inventário** 2004**Cronologia** Século XVII (1687 ou 1637 [?]) Agosto, 15 ou 18)**Leitura**

58/ S(epultur)a DE SOROR M(ari)a . Da E/NCARNACAO F(ilh)a DE / D(iog)o DA FON(se)ca DA EIUDa / E DE D(ona) BENTA . De FARO / FALECEO . A 15 DE AGO/STO DE 1637 TEVE / MORTE MARAVI(l)H / OZA . PORQUE CO / NHeCEO . QUE . DA / [...]

**Dimensões** Comp.: 91 cm; Largura: 122 cm.

Altura média das letras: 5 cm.

**Referências****Observações** Inscrição em calcário, colocada no chão à entrada da igreja do lado Norte.



A QVITAS SEPULTADO O  
 CORPO DAM RELIGIOZA M<sup>E</sup>  
 DONA BRISIDA AMARAL Q<sup>E</sup>  
 MA DOVAZE RE STA CAPELA  
 EA CABOVAVIDA SATAM AOS  
 20 DE NO<sup>BR</sup> DA ERA DE 1603  
 E SAIRM VAVIDA WIZITASA O  
 FOI FILHA DE FR NIDIAS DOAMA  
 RALCIANS VRE VIORE DONA  
 PI II ILIPADICORAVN IIOFALESE  
 O AOS 6 DE AGOS 1016 32 E  
 SASSV BRITIAS WIVIANA DE  
 II NS FIEIADI VIO CHORDOA  
 VAVI EDEDO VAVI WADABRE  
 IAVI SIO AOS 10 DE ABRIL 645  
 FAVI AOS 10 DE II VSI IIA  
 DI ROPOR SIO BOI EDONA  
 IZADI SIO CAMPV IIOIALESEO  
 AOS 5 DE OCT V BRODI 652  
 I IODAS BRISTORAO ABBA S

Fig. 14 Desenho da epígrafe n.º 36.

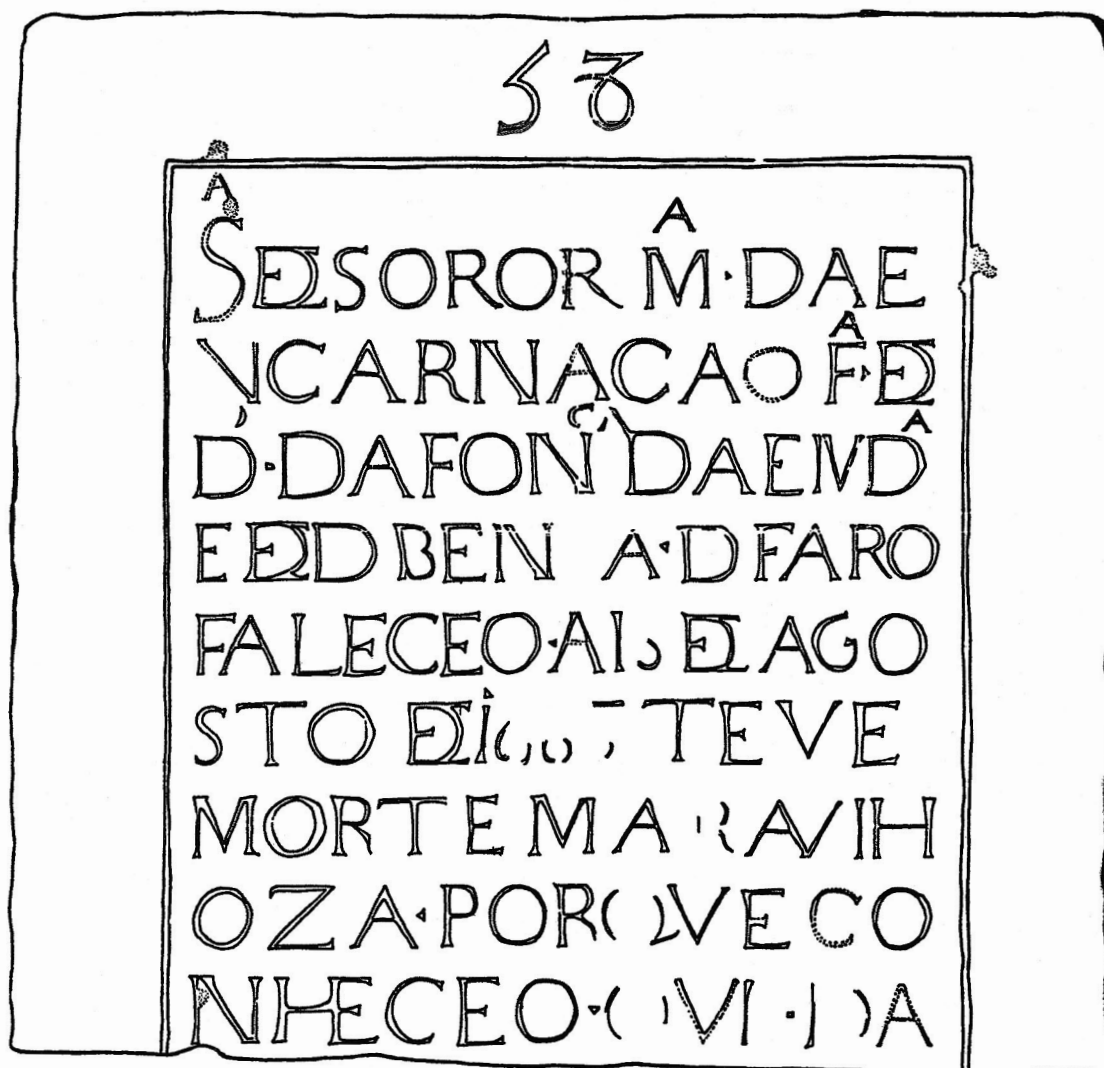


Fig. 15 Desenho da epígrafe n.º 37.



Fig. 16 Foto da epígrafe n.º 1.



Fig. 17 Foto da epígrafe n.º 4.

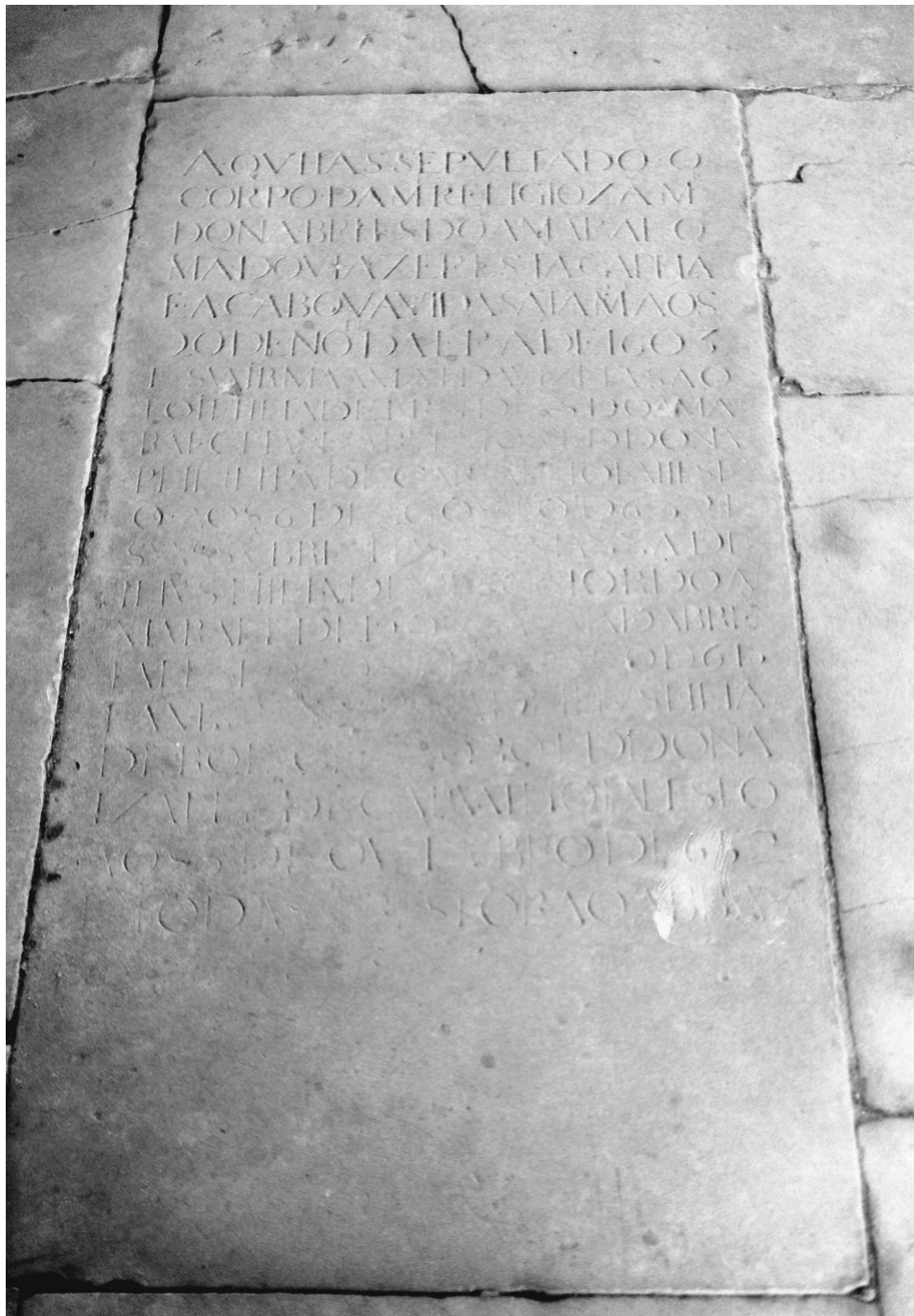


Fig. 18 Foto da epígrafe n.º 8.



Fig. 19 Foto das epígrafes n.º 12.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Departamento de Estudos do Instituto Português do Património Arquitectónico.
- <sup>2</sup> Foi com base nestes relatos que pudemos avançar com a hipótese de distribuição dos espaços dentro do conjunto conventual tal como se propõe na planta da fig. 2.
- <sup>3</sup> Esta referência é citada por Vítor Serrão no prefácio ao livro de Gérard Pradalé (1992) - *O Convento de S. Francisco de Santarém*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, Nota 9, p. 14.
- <sup>4</sup> Veja-se o caso da epígrafe n.º 5 deste trabalho, dedicada a D. Branca Coutinho.
- <sup>5</sup> As escassas referências relacionam-se, certamente, com a ausência de epígrafes numa zona onde os que eram enterrados poucas posses teriam para mandar gravar a pedra destinada a cobrir a sepultura.
- <sup>6</sup> As sepulturas situadas na zona do antigo alpendre foram apenas delimitadas. No interior da igreja a escavação abrangeu essencialmente a nave central da igreja, ver M. M. B. de M. Ramalho - *O Convento de S. Francisco de Santarém - história e arqueologia de um monumento* ob. cit.
- <sup>7</sup> Encontra-se em fase adiantada o estudo arqueológico e antropológico dos enterramentos exumados na nave central da igreja.
- <sup>8</sup> Muitas vezes as referências limitavam-se a números inscritos nas lajes do pavimento, números estes que eram apontados nos obituários, de forma a facilitar a rotação dos enterramentos em espaços que, como no Convento de S. Francisco, eram muito requisitados.
- <sup>9</sup> Processo da DGEMN n.º L14-16-21 (006).
- <sup>10</sup> Durante o trabalho arqueológico, tivemos também a oportunidade de entrevistar um dos operários que participou nas campanhas de obras a cargo da DGEMN.
- <sup>11</sup> As normas de transcrição e de desdobraimento de abreviaturas são as mesmas que foram definidas para o *Corpus Epigráfico*, da Tese do Doutor Mário Barroca a quem agradecemos a amável colaboração prestada.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

**Manuscritos**

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO:

*Colegiada de Santo Estevão do Santíssimo Milagre de Santarem*, maço 2, doc. 53.

*Convento de Santa Clara*, maço 1, 7, 9.

*Arquivo Histórico do Ministério das Finanças*, Convento de S. Francisco de Santarém, n.º 346, ex. n.º 2249.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (A.C.L.):

MOREIRA, António Joaquim - *Colecção de Epitaphios, Inscricções e Letreiros*, Manuscritos Azuis, n.º 229, Lisboa, 1864.

DIRECÇÃO-GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS (D.G.E.M.N.):

Igreja de S. Francisco de Santarém:

Processo n.º L14-16-21(006).

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SANTARÉM (B.M.S.):

*Memórias Sepulchraes do Padre Luís Montez Matoso e outros*. Cópia manuscrita de Anselmo Braamcamp Freire, BMS 33/6/70, [s. dat.].

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA (B.P.E):

MATOSO, Padre Luís Montez, *Santarém ilustrada, história, cronologia, política e eclesiástica da villa de Santarém (...)*. Códice CIII/2-4, Cap. XVIII, 1738, fol. 63-70.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, F. de (1912) - *História da Igreja em Portugal*. Coimbra: Imprensa Académica.

ALEXANDRE-BIDON, D.; TREFFORT, C., eds. (1993) - *A réveiller les morts: la mort au quotidien dans l'Occident médiéval*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.

ARIÉS, Ph. (1975) - *Essais sur l'histoire de la mort em Ocident du Moyen Age à nos jours*. Paris: Editions Seuil.

BARROCA, M. J. (1987) - *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ed. Policopiada. Trabalho apresentado no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.

BARROCA, M. J. (1995) - Contributo para o estudo das epígrafes medievais portuguesas do Museu Nacional Machado de Castro: séculos XI-XV. In *Portugalia*. Porto. Nova série. 16.

- BARROCA, M. J. (2000) - *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- BEIRANTE, M. Â. V. da R. (1980) - *Santarém medieval*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- BEIRANTE, M. Â. V. da R. (1981) - *Santarém quincentista*. Lisboa: Livraria Portugal.
- BEIRANTE, M. Â. V. da R. (1982) - Para a história da morte em Portugal: séculos XII-XIV. In *Estudos de História de Portugal*. Vol. 1, século X-XV, Lisboa: Editorial Estampa, p. 359-383. Homenagem ao Prof. A. H. Oliveira Marques.
- BOSSY, J. (1990) - *A cristandade no Ocidente: 1400-1700*. Lisboa: Edições 70.
- BRANDÃO, Z. N. G. (1883) - *Monumentos e lendas de Santarém*. Lisboa: David Corazzi.
- BRANDÃO, Z. N. G. (1895) - Santarém: O claustro e a igreja do Convento de S. Francisco. In *Arte portuguesa. revista de arqueologia e arte moderna*. Ano I, n.º 1, Lisboa, p. 43-44.
- BRITO, F. N. de (1917) - *Arqueologia Scalabitana: Excursão da Associação dos Arqueólogos Portuguezes a Santarém em 9 de Julho de 1916*. Separata do Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- MARQUES, A. H. de O. ed. (1984) - *Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- CHARRÉU, L. (1995) - *O mosteiro de S. Francisco de Santarém e o coro alto de D. Fernando: arquitectura, espaço e arte funerária no século XIV*. Ed. Policopiada, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tese de Mestrado.
- DIONÍSIO, D. (1990) - *Escultura funerária portuguesa do século XV*. Ed. policopiada, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, ed. Policopiada. Tese de Mestrado.
- DURAND, M. (1988) - *Archéologie du cimetière médiéval au Sud-Est de l' Oise du VIIème au XVIème siècle: relations avec l' habitat, évolution des rites et des pratiques funéraires, paléodémographie*. Amiens: Revue Archéologique de Picardie.
- ESPERANÇA, Frei M. da (1656) - *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*. Tomo 1, livro IV, cap. XXII, Lisboa: [s.n.].
- FARIA, F. L. de (1982) - *São Francisco e Portugal - síntese histórica - bibliográfica*. [S. L], separata de Archivo Ibero - Americano, tomo XLII, n.º 165- 168.
- GARRETT, A. (1988) - *Viagens na minha terra*. Mem Martins: Publicações Europa América, Colec. Grandes Obras, n.º 26.
- MENDONZA GARRIDO, J. M. [et al.] (1993) - Espiritualidad, sociedad y enterramiento en la Castilla del siglo XIV: el ejemplo franciscano de Huete. In *Boletín de Arqueología Medieval*. 7, p. 143-151.
- La idea y el sentimiento de la muerte en el arte de la Edad Media* (1992). Santiago de Compostela: Imprenta Universitaria, Ciclo de Conferencias - Universidade de Santiago de Compostela.
- LE GOFF, J. (1984) - *La civilisation de l' Occident Médiéval*. Paris: Éditions Arthaud.
- LE GOFF, J. (1989) - *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença.
- LE GOFF, J. (1993) - *O nascimento do purgatório*. Colec. Nova História, Lisboa: Editorial Estampa.
- LOPES, F. - *Crónica de D. Fernando*. Dir. de Giuliano Macchi, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975.
- LOPES, P. F. F. (1948) - As escolas franciscanas portuguesas de 1308 a 1517. N.º 4, In *Colectânea de Estudos*, Braga.
- MACEDO, F. P. de (1995) - O descanso eterno: a tumulária. In *História da Arte em Portugal*. Dir. de Paulo Pereira, vol. I, Lisboa: Círculo de Leitores, p.434-446.
- MATTOSO, J. (1996) - *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- MITRE, E. (1991) - *Iglesia y vida religiosa en la Edad Media*. Madrid: Ediciones Istm col. La Historia en sus textos.
- Monges e religiosos na Idade Média*. Apresentação de Jacques Berlioz (1996). Lisboa: Terramar Editores, col. Pequena História, n.º 7.
- MORGADO, A. R. da P. (1985) - *Anuário da Escola Prática de Cavalaria de Santarém*. Santarém: Centro Gráfico da E.P.C.
- MORIN, E. (1988) - *O homem e a morte*. N.º 19, Lisboa: Publicações Europa América.
- NETO, M. J. B. (1995) - *A Direcção-Geral dos edifícios e Monumentos Nacionais e a intervenção no património arquitectónico em Portugal 1929-1960*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.
- PACAUT, M. (1993) - *Les ordres monastiques et religieux au Moyen Âge*. Tours: Nathan Université.
- PRADALIÉ, G. (1992) - *O Convento de São Francisco de Santarém*. Santarém: Câmara Municipal.
- RAMALHO, M. de M. (1994) - Testemunhos da vivência da morte no Convento de S. Francisco de Santarém. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 161-171.
- RAMALHO, M. de M. (1998) - O Convento de S. Francisco de Santarém - História e arqueologia de um manuscrito. Ed. policopiada, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Mestrado.
- Règle des moines: Pacôme, Augustin, Benoît, François d' Assise, Carmel*. (1982) Introd. de Jean-Pie Lapierre, Tours: Éditions du Seuil.
- SARMENTO, Z. (1931) - *Santarém*. Porto: Marquês de Abreu.
- SEQUEIRA, G. de M. (1949) - *Inventário artístico de Portugal*, Tomo III, Distrito de Santarém, Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.



- SERRÃO, J. (1971) - *Cronologia geral da História de Portugal*, Lisboa: Iniciativas Editoriais.
- SERRÃO, J. ed (1963-1965) - *Dicionário de História de Portugal*. 4 vol. Lisboa: Iniciativas Editoriais.
- SILVA, J. C. V. da (1997) - *O Fascínio do Fim*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SILVA, J. P. da (1861) - *Revista pitoresca e descritiva de Portugal: com vistas fotográficas*. n.º 4, Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, J. P. da (1876) - O túmulo d'el rei D. Fernando I de Portugal. In *Boletim de arquitectura e arqueologia da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses*, Tomo I, 2ª Série, n.º 8 e n.º 10, Lisboa: *Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses*, p. 121-122.
- SOUSA, F. L. P. de (1919) - *O terramoto do 1º de Novembro de 1755 em Portugal: um estudo demográfico*. Vol. II, Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal -Tp. do Comércio.
- STEBLOVO, E. L. de - *Diario 1580 - 1584*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1913.
- VASCONCELOS, I. da P. (1740) - *História de Santarém Edificada, que dá Notícia da sua fundação e das Cousas Mais Notáveis Nella Sucedida*. Lisboa: Tipografia Ocidental.
- VAUCHEZ, A. (1995) - *A espiritualidade da Idade Média Ocidental: séculos VIII-XII*. Colec. Nova História, Lisboa: Editorial Estampa.
- VILAR, H. V. (1995) - *A vivência da morte no Portugal medieval: a Estremadura portuguesa (1300 a 1500)*. Redondo: Patrimonia Historica.
- VOVELLE, M. (1983) - *La mort et l'Occident: de 1300 à nos jours*. Paris: Gallimard.